

RESENHA

IMPERIALISM IN THE TWENTY-FIRST CENTURY: GLOBALIZATION, SUPER-EXPLOITATION, AND CAPITALISM'S FINAL CRISIS

John Smith.

Nova York: Monthly Review Press, 2016, p. 382.

SAMUEL SPELLMANN¹

Recebida em 03/2018

Aprovada em 03/2018

O estudo da reestruturação produtiva do capital e da concomitante destruição do Estado de Bem-estar Social nos países de capitalismo avançado é essencial para se compreender a dinâmica contemporânea do Imperialismo. A percepção e a apreensão das diversas expressões dessa reestruturação, como a financeirização econômica, a desterritorialização de polos produtivos industriais, a estrangeirização de terras raras, a formação de uma nova divisão internacional do trabalho, a acelerada expansão da automação e a ascensão da informática no processo produtivo, são como acessórios para a explicação da contradição do fim da correspondência – outrora proporcional – entre o produto do trabalho assalariado e a diminuição do crescimento do poder de compra dos trabalhadores (MÉSZÁROS, 2002).

Pode-se perceber, desde meados dos anos 1960, o começo do avançar da reestruturação produtiva, a afetar os países asiáticos. A chegada do novo aparato produtivo, vindo com seu maquinário dos países centrais, é casada à gestão de um capitalismo intensamente subsidiado através do apoio externo americano. Começa-se a perceber as primeiras marcas de um Imperialismo sem colônias, onde os governos locais ao mesmo tempo suprimem movimentos de esquerda e buscam consenso através do acesso a bens de consumo. O aparecimento de bases militares ao redor do mundo completa este fenômeno, ajudando, de maneira similar à de outrora, a manter controláveis os níveis de produção de *commodities* pelas indústrias originárias dos países de capitalismo central, alocadas

1. Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ásia-Pacífico (GEPAP/UEPB)

em países que fornecessem baixos salários, jornadas flexíveis e com mínima organização sindical (MÉSZÁROS, 2002; SMITH, 2016).

É nesse sentido que, de forma a abordar a posição central do Imperialismo em face contemporânea enquanto fenômeno incisivo na vida social, coloca-se o trabalho de John Smith, *Imperialism in the Twenty-First Century: globalization, super-exploitation, and capitalism's final crisis*. A premiada obra, publicada originalmente pela Monthly Review Presse vencedora do *Paul A. Baran – Paul M. Sweezy Memorial Award* em 2016, segue os passos de diversos teóricos da economia política do Imperialismo, retomando Paul Sweezy e Paul Baran (1966) em seus apontamentos acerca do desenvolvimento do capital monopolista, Harry Magdoff (1978) em sua análise do Imperialismo pós-colonial e István Mészáros (2002) e John Bellamy Foster (1986) sobre as mais variadas expressões da crise capitalista, do impacto ambiental terrivelmente destrutivo ao surgimento de uma nova oligarquia financeira ao redor do setor tecnológico.

Imperialism in the Twenty-First Century é dividido em dez capítulos, sendo caracterizado por uma análise conceitual-categórica profunda, transparecendo a toda hora uma inteligência verdadeiramente atroz em sua irresignação.

Similarmente a *O Capital*, a obra parte da mercadoria. O texto caminha em direção ao

outsourcing, à terceirização produtiva atrelada à confecção de imensas cadeias de produção, à superexploração nas periferias globais e ao processo de marginalização do imigrante e às origens das diferenças salariais na Era Neoliberal, à lei geral do valor, ao crescimento econômico e sua dinâmica com o Imperialismo, finalizando com a inexorabilidade da crise financeira.

Seu primeiro capítulo, “The Global Commodity”, é marcado por narrativas acerca de três mercadorias banais: a camiseta, o iPhone e o copo de café. Smith segue destacando a singularidade de cada produto – da opressão do trabalho e da migração constante de um excedente populacional nas confecções de estrutura instável em Bangladesh ao barateamento do preço do café provocado pelo fim do Acordo Internacional do Café em 1989 e às origens da Guerra Civil em Ruanda e à superexploração praticada por empresas intermediárias continuamente pressionadas por gigantescos monopólios, como na fabricação do iPhone.

Como o capítulo um indica e o segundo e terceiro demonstram, a procura por baixos custos de produção, dentre eles, o custo salarial, é um determinante central para a reestruturação produtiva global. “Outsourcing, or the Globalization of Production” e “The Two Forms of the Outsourcing Relationship” denotam que a produção moderna é marcada pela presença de cadeias de produção global, em que

a necessidade do atendimento de metas estabelecidas por contratantes é completada pela contínua supressão salarial e pela maximização contínua dos lucros.

O quarto capítulo, “Southern Labor, Peripheral no Longer”, examina as condições determinantes dos termos em que os trabalhadores de nações periféricas vendem sua força de trabalho, trazendo atenção especial para o desemprego estrutural massivo, a supressão do movimento livre dos trabalhadores entre as fronteiras de países imperialistas e as de países de baixos salários, argumentando que se faz necessária a gestão contínua de um proletariado ilegal, de forma a manter reduzidos os salários nos países centrais. O papel destas características põe em cheque o conceito de desenvolvimento, dado o aparecimento e a promoção de regimes de trabalho informal, flexível e precário, enxergados por teóricos neoliberais como o florescer da livre iniciativa. Também são analisadas as intersecções de classe, do patriarcado e do Imperialismo e como estes fenômenos dão margem para a ascensão do massivo influxo de mulheres na dinâmica do trabalho assalariado em geral e na indústria manufatureira em particular.

Em seu quinto capítulo, “Global Wage Trends in the Neoliberal Era”, o autor tenta trazer o foco para os padrões salariais globais, destacando três aspectos de especial atenção: os diferenciais salariais internacionais, a desigualdade

salarial interna e o declínio acelerante da fatia relativa ao trabalho dentro da renda nacional. Enquanto isso, a atualização e a confiança colocada nos dados relativos aos salários são questionadas e, quando analisada a fundo, é costumeiramente provada como incompleta. Além disso, é feita uma profunda análise da disparidade do poder de compra e suas ligações com a força da moeda nacional.

O capítulo seis, “The Purchasing Power Anomaly and the Productivity Paradox”, marca a transição da análise de dados empíricos que permeia os primeiros cinco capítulos para o desenvolvimento teórico e a crítica presente nos capítulos de sete a nove. Ele tem início questionando as razões da diferença de poder de compra existir, apontando que dois dos temas centrais de *Imperialism in the Twenty-First Century* estão intrinsecamente conectados: as diferenças de produtividade laboral entre países – em suas acepções convencionalmente definidas e mensuradas – e as restrições à mobilidade internacional dos trabalhadores.

Nos dois capítulos seguintes, “Global Labor Arbitrage: The Key Driver of the Globalization of Production e Imperialism and the Law of Value”, partindo de forte crítica à ideologia neoliberal e sua centralidade no argumento de que as prestações salariais refletem a produtividade, John Smith chama atenção para a falta de uma sistematização crítica a esta base conceitual,

tanto por parte de teóricos heterodoxos, como por marxistas, apontando para a falta da apreensão, pela ideologia dominante, da distinção entre valor de uso e valor de troca, concepções teóricas fundantes da teoria marxista do valor.

Em seu penúltimo capítulo, “The GDP Illusion”, o autor explica um dos mais impactantes paradoxos revelados pela análise das mercadorias globais feita no capítulo um: *commodities* produzidas principal ou inteiramente em países dependentes e consumidas, em sua maioria, em países imperialistas, expandem o Produto Interno Bruto – PIB das nações nas quais tais mercadorias são consumidas em proporções muito maiores do que o das nações onde elas são produzidas. Colocada figurativamente como ilusão ótica, a origem da nossa incompreensão deste fenômeno é proporcionada ao confundirmos, condicionados pela ideologia neoliberal, o valor gerado ao se produzir uma mercadoria com o preço alcançado em sua venda.

Por fim, o décimo capítulo, “All Roads Lead in to the Crisis”, demonstra como as transformações na produção global, elas mesmas consequências da crise dos anos 1970, dão margem ao reaparecimento de uma crise sistêmica em 2007. O argumento central do capítulo é, portanto, que não se pode entender a origem, a natureza e a trajetória da crise econômica global sem que esta seja vista como o resultado inevitável das contradições no coração da

produção capitalista globalizada. Seu argumento final é que a crise presente é a mais profunda nos dois séculos de existência do capitalismo, e isto sem considerarmos as necessárias dimensões das mudanças climáticas. Para John Smith, uma depressão econômica de décadas, continuamente pontuada por guerras e revoluções, é agora inevitável. Existem, portanto, duas possibilidades: ou a humanidade resume a transição para o socialismo inaugurada pela Revolução Russa um século atrás, ou ela decairá ao barbarismo.

Considerações finais

É patente que, desde a crise estrutural capitalista, iniciada no começo dos anos 1970, passamos, enquanto sociedade global, por grandes transformações sistêmicas. Uma série de novos fenômenos observáveis permeia o capitalismo em sua face atual. Complexas redes de produção que atravessam o globo, dirigidas por sistemas de informação coordenados e de longo alcance, a dirigir até mesmo fatos simples, como adquirir um copo de café. A vastidão e a variedade de objetos de análise por vezes escurecem a vista do analista, limitando-o ao visível. A insistência de John Smith em ligar o aparente e cotidiano àquilo que está distante, preso numa teia social que, de tão multifacetada, emaranha-se e torna-se obscura, é o começo do mérito de sua obra. O autor torna conceitos aparentemente

dísparos, e normalmente analisados separadamente, em expressões convergentes de categorias outrora relegadas, ao passo que atualiza a crítica do neoliberalismo em sua base econômica, levantando suas falácias, além de atualizar a teoria marxista e promover o debate ao redor do Imperialismo em suas expressões contemporâneas. Tratar de tudo isso em linguagem bastante acessível e num texto corrido, fluido, extremamente bem construído, faz de *Imperialism in the Twenty-First Century* uma obra singular e essencial.

Referências Bibliográficas

BARAN, Paul. A. & SWEEZY, Paul M. *Monopoly Capital: an essay on the American economic and social order*. New York: Monthly Review Press, 1966, 401p.

FOSTER, John Bellamy. *The Theory of Monopoly Capitalism: an elaboration of Marxian Political Economy*. New York: Monthly Review Press, 1986, 280p.

MAGDOFF, Harry. *Imperialism: from the colonial age to the present*. New York: Monthly Review Press, 1978, 279p.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2002, 1096p.

SMITH, John. *Imperialism in the Twenty-First Century: globalization, super-exploitation, and capitalism's final crisis*. New York: Monthly Review Press, 2016, 382p.